



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 13, n. 2, jul./dez., 2007

As cidades na fotografia: uma experiência modernizante em Campina Grande – PB (1940-1944)

SEVERINO CABRAL FILHO

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O nosso objetivo, com o presente artigo, é apresentarmos, sob alguns aspectos, um processo de modernização ocorrido em Campina Grande, Paraíba, entre os anos 1940 e 1944. Ocupamo-nos da análise de duas imagens fotográficas de suas ruas centrais em pleno processo de reforma urbana: elas nos mostram os habitantes da cidade em sua movimentação cotidiana; diversos equipamentos urbanos que emprestaram à cidade um clima de desenvolvimento; e as mudanças e expectativas de mudanças daí resultantes. Tais imagens são documentos imprescindíveis para pensarmos sobre os ideais de progresso elaborados naquelas circunstâncias.

Palavras-chaves: Campina Grande. Imagem Fotográfica. Modernização.

Cities on photography: a modernizing experience in the city of Campina Grande, in the Brazilian State of Paraíba (1940-1944)

ABSTRACT

Our objective with this article is to present, under some aspects, a process of modernization that occurred in Campina Grande, in the Brazilian state of Paraíba, between the years of 1940 and 1944. We focus on the analysis of two photographs that show central streets of the city during the urban reform process: they show us the city inhabitants in their everyday activity; a number of urban equipments that gave the city a developmental atmosphere; and the changes and expectations that resulted from that. These pictures are essential for us to think about the ideals of progress elaborated in those circumstances.

Key words: Campina Grande. Photographic Image. Modernization.

Severino Cabral Filho

Doutor em Sociologia pela UFPB. Professor da Unidade Acadêmica de História e Geografia – CH/UFCG.

E-mail: cabralf@terra.com.br

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Campina Grande. Av. Aprígio Veloso, 882 – Bodocongó. 58109-970 – Campina Grande, PB – Brasil

Para pensarmos sobre a implantação de determinados equipamentos, símbolos da modernização de origem européia em cidades nordestinas, mesmo em suas capitais mais destacadas, há que considerar os ritmos e a intensidade diversos com que as mudanças ocorreram por aqui nas décadas iniciais do século XX¹.

Em Campina Grande, cidade paraibana para a qual nos voltamos na presente comunicação, o que poderíamos denominar de processo de modernização ocorre obedecendo a ritmos outros, diferentes daqueles caracterizados pela velocidade e pela multidão que inspiraram as leituras do Rio de Janeiro e de São Paulo, feitas por Nicolau Sevcenko². Sem dúvidas, na cidade de Campina Grande, as mudanças ocorreram e foram percebidas e vivenciadas; percebeu-se a emergência da transformação da paisagem urbana não apenas pelas modificações fisionômicas que ia experimentando, mas também pela presença de outros símbolos deste processo, no qual, por exemplo, caminhões e automóveis disputavam o espaço das ruas da cidade com animais de carga e pedestres que, ainda, não haviam incorporado esses valores modernizantes como estruturantes em suas vidas; daí termos marcado uma cadência diferenciada, mais lenta.

Creemos que as experiências de modernidade e modernização campinenses vinculam-se, em muitos aspectos, àquilo que Tavolaro (2005) chama de “concepção multifacetada de modernidade”. De acordo com esse princípio, devem-se vislumbrar as instituições modernas em sua dimensão processual, como o resultado contingente e historicamente variável dos confrontos entre projetos particulares levados adiante por subjetividades individuais e coletivas, isto é, o resultado de disputas em que certas coletividades foram capazes de fazer prevalecer seus projetos em detrimento de outros³.

Para entrarmos na cidade pelos caminhos construídos com as suas imagens fotográficas, teceremos rápidas considerações sobre como e em que sentido as cidades se prestaram à elaboração de uma memória imagética com uma pretensão formal de verdade, posto que a Fotografia pretendeu ensinar, desde o seu aparecimento, o registro visual fidedigno da realidade.

As cidades, desde o surgimento da fotografia, cons-

tituíram-se como um tema da predileção dos fotógrafos. Se atentarmos para o fato de que a fotografia fez desencadear no universo mental do homem do *século do progresso* uma aura de confiabilidade, com a reprodução exata da natureza, instituindo novas formas de perceber e representar o mundo, fascinando e deslumbrando, não é difícil imaginarmos a dimensão científica da qual a técnica fotográfica foi investida.

A fotografia, em sua condição de procedimento técnico, é resultado do imenso empenho realizado numa Europa identificada com as revoluções científicas, com o ideário do progresso. E não podemos esquecer que é nesse período que as grandes metrópoles estão surgindo – sobretudo Londres e Paris – e que as imagens fotográficas são convocadas a testemunhar as reestruturações urbanas pelas quais essas cidades estavam passando.

Cidades com papéis redefinidos – resultado das intervenções de técnicos, reformadores, higienistas, médicos – foram palco de amplas reformas que abarcaram o setor viário, instalação de sistema de esgotos e complexo hidráulico, reconstrução de edificações públicas e privadas, abertura de avenidas, construções de *boulevards*, praças, parques e jardins, configurando os ideais de modernização, civilização e progresso: é a construção real e imaginária da cidade do trabalho e da ordem, aspiração de uma elite burguesa.

As imagens produzidas especificamente para documentar essas transformações se prestaram ao atendimento a demandas de administrações públicas que, prontamente, delas fizeram uso político: para além do seu caráter informativo, testemunhas tidas e havidas como incontestáveis dos acontecimentos em curso, elas foram úteis para o que podemos chamar hoje de espetacularização midiática. Não foi sem motivo que essas administrações fizeram esforços no sentido de criarem departamentos na sua estrutura burocrática com o objetivo de produzir imagens *oficiais*. Fotógrafos do porte de Charles Marville e Henri Le Secq foram especialmente contratados para acompanharem os trabalhos da reconstrução de Paris. As imagens por eles produzidas, profundamente interessadas, são cada vez mais geometrizadas, corroborando o ideário de racionalidade,

¹ Nesse sentido, apropriamo-nos das propostas contidas nos trabalhos realizados por Rezende (1997) e Aranha (2003).

² Conferir as seguintes obras: Sevcenko (1989), e Sevcenko (1992).

³ Em ensaio estimulante Tavolaro (2005) questiona o pensamento sociológico hegemônico no Brasil, caudatário de duas vertentes sociológicas segundo as quais “elementos do tipo de sociabilidade que caracterizou a sociedade brasileira em seu período colonial ainda fazem-se presentes, impedindo a consolidação plena de instituições e valores da modernidade”. A primeira tendência sociológica ele identifica na chamada Sociologia da Dependência, cujos maiores expoentes são Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni; a segunda vertente vincula-se à Sociologia da herança patriarcal-patrimonial, capitaneadas por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto da Matta. Essas duas tendências sociológicas somente conseguem ver a experiência modernizadora brasileira como dependente em relação às matrizes européias e americana. Ao sugerir a idéia de uma modernidade multifacetada para se pensar a modernidade brasileira, Tavolaro (2005) baseia-se nos estudos de José M. Domingues e nos de Renato Ortiz.

importante componente da idéia de progresso veiculada no século XIX⁴.

Mas, as imagens fotográficas também nos permitem significarmos os pobres, a pobreza e as suas existências cotidianas como parte integrante da cena urbana. Foi o fotógrafo francês Félix Nadar quem abriu uma brecha importante para essa premissa, despertando-nos a consciência da existência de uma vida subterrânea nestas novas vias do tecido urbano. Ao mesmo tempo em que fotografou Paris sob vários ângulos, mostrando a beleza arquitetônica de suas novas avenidas, inclusive com tomadas aéreas a bordo de um balão, Nadar também fotografou os esgotos da capital francesa – valendo-se de suas experiências para a obtenção de luz artificial com flashes à base de pólvora, entre 1861 e 1862 –, sugerindo que, para além da beleza do centro parisiense, existências subterrâneas pulsavam em paralelo, mas que talvez não fossem agradáveis aos olhos de uma elite ansiosa por um determinado padrão estético orientado por um tipo ideal de beleza.

As reformas urbanas verificadas entre nós, no início do século XX, foram fartamente documentadas através de imagens fotográficas. Não foram poucos os álbuns oficialmente produzidos para esse fim. Cidades, como Recife e São Paulo, produziram os seus. A remodelação do Rio de Janeiro, sob a administração Pereira Passos (que teve em Augusto Malta o fotógrafo oficial da sua gestão), serviu de cenário para um sem número de fotografias: trata-se do desejo de destruir espaços urbanos vinculados à idéia de atraso e incivilidade e, através da mediação da pretensa realidade fotográfica, dar vazão à utopia de cidades modernizadas porque saneadas moral e esteticamente⁵.

Para Campina Grande, não podemos falar de projetos para a produção de imagens obedecendo diretamente a interesses administrativos, como no caso das cidades acima mencionadas. A maior parte das imagens aqui produzidas é – acreditamos – o resultado da atividade dileitante (ou quase isso) dos seus fotógrafos⁶.

É bem verdade que, desde o início do século XX, Campina Grande já começara a experimentar e conviver com alguns equipamentos de natureza moderna (CAMÁRA, 1988)⁷. Nesse sentido, a elite campinense vivia um clima favorável a grandes expectativas modernizantes, proporcionadas por alguns símbolos do mundo

moderno com os quais estava convivendo, e o que essa elite poderia desejar, desde então, era que tal processo de atualização tecnológica e de modificação de hábitos se aprofundasse cada vez mais.

Antonio Paulo Rezende, referindo-se à experiência de modernização da cidade do Recife nos anos vinte, afirma que, em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e resistência de muitos. Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas, uma vez que a força da tradição e as dificuldades sociais e econômicas impediam que a modernidade tivesse a excitação e a velocidade das capitais européias. Mas a convivência do moderno com a tradição já estava na ordem do dia, registrada nas páginas dos jornais e das revistas, nas propagandas, nas diversões que surgiam marcadas pela presença da técnica que anunciava os primórdios da cultura de massas, nas discussões intelectuais, até mesmo na maneira ambígua de compreender e aceitar o progresso como uma conquista. Tudo isso ameaçava formas de viver que se repetiam, monotonamente, mas que representavam a segurança de andar por territórios já conhecidos. É impossível medir as múltiplas relações e as reações descontinuas pela modernidade. A perplexidade, a fascinação, o desconcerto e mesmo a decepção se fizeram presentes nas mais diversas cidades atingidas pelos eventos modernizadores: em Londres, em Paris, em Nova York, no Rio de Janeiro, em Recife e em Campina Grande. Mas, em cada uma dessas cidades, as tonalidades e os ritmos do moderno se revelaram através de cadências próprias, realidades e especificidades características de cada uma dessas cidades (REZENDE, 1997, p. 57-58).

Aranha (2003), por sua vez, chamou a atenção para a impossibilidade de se pensar a experiência urbana vivenciada no Norte do Brasil, entre 1880 e 1925, no que diz respeito à idéia de vida moderna, considerando os chamados ritmos sociais intensos, característicos das grandes cidades, graças às limitações físicas e populacionais verificadas nas cidades do Norte. Em contrapartida, o autor sugere que se pense tal experiência a partir dos impactos provocados por determinadas conquistas materiais que passaram ao imaginário urbano como símbo-

⁴ A esse respeito veja-se o artigo de Modenard (1999).

⁵ Conferir os trabalhos de Lima (1993); Bompastor (1998) e Dias (1993).

⁶ Conferir o trabalho de Figueiredo Jr (2002). Para João Dias, p. 31-56; Euclides Vilar, p. 59-85; Sóter de Farias Carvalho, p. 86-118; José Bezerra Cacho, p. 123-146.

⁷ Epaminondas Câmara, um dos mais notáveis letrados campinenses deste período, nos apresenta, com esse inventário de signos de progresso e desenvolvimento, as transformações modernizantes pelas quais passou a cidade nas primeiras quatro décadas do século XX. Todavia, a cronologia do seu livro abarca a cidade desde o seu processo de povoamento, que data do ano de 1697 e se estende até o ano de 1947.

los do moderno, ou seja, equipamentos urbanos de uso coletivo, significativos das novidades produzidas e adotadas na Europa.

Acreditamos que as contribuições desses dois historiadores são fundamentais para se pensar sobre o processo de modernização em Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX, porque esse período foi constituído com a convivência de equipamentos urbanos numa cidade fisicamente pequena, abrigando populações numericamente distantes dos padrões metropolitanos, como os que Aranha faz referência; ao mesmo tempo em que os símbolos da modernização conviviam com a força da tradição e as dificuldades sociais e econômicas sugeridas por Rezende: a cidade parece ter-se equilibrado entre essas duas poderosas forças⁸.

Sinais de urbanização



FOTO 1: Pavimentação a paralelepípedos da Rua Venâncio Neiva (A UNIÃO, fevereiro de 1942).

Imagens como as que apresentamos a partir de agora nos oferecem alguma dimensão do aporte de símbolos que identificavam a grandeza, o desenvolvimento e o progresso, a partir do modelo de matriz europeu, sacramentado e copiado pelas grandes cidades mundo afora, e que o prefeito Vergniaud Wanderley impôs à paisagem campinense, agora objeto de remodelação e mudanças feitas sob planejamento técnico⁹. A Foto 1 nos mostra a pavimentação a paralelepípedos da Rua Venâncio Neiva. Uma artéria tão importante e que irrigava o coração da cidade, ainda mais pelas casas comerciais que abrigava, não poderia conviver mais com a lama e os buracos que, para além de comprometerem aspectos caros ao embelezamento da cidade, apresentavam-se

como entraves ao trânsito de veículos e das pessoas que a faziam pulsar. Podem-se ver pelas calçadas da rua o movimento da população nos seus deslocamentos justificando, talvez, as projeções de grandeza que os letrados de Campina Grande lhe atribuíam. Mais ao fundo pode-se divisar automóveis que, compondo o cenário com as casas comerciais e suas placas e letreiros, contribuíram para a composição do dinamismo e da velocidade, aspectos tão caros à construção ideal de uma cidade em processo de modernização.

Todavia, os trabalhadores responsáveis pela fixação das pedras para a pavimentação da rua parecem estar num momento de descanso, sentados sobre o chão que estavam modificando; pode-se ter desse detalhe da fotografia um dado que aponta para um ritmo um tanto quanto lento, que afronta a intensidade quase frenética com que alguns articulistas do jornal *A União* temperaram os seus textos sobre a “revolução” urbana que o prefeito Wanderley estava promovendo. Tais discursos, tão comprometidos, produzidos pelos apologetas da modernização e do trabalho de Wanderley, juntamente com fotografias, como as que destacamos acima, não apenas informam sobre novos ritmos e paisagem urbana que se desejavam impor; elas se prestam também para compor uma imagem do prefeito tal qual ele desejaria: um administrador inquieto, que corria a cidade fiscalizando as suas obras, não se importando de, para tanto, abrir mão do seu gabinete, dando expedientes nos bares, cafés e nas próprias ruas da cidade (DINOÁ, 1993).

Se a sociedade era regida sob mão de ferro por um poder central autoritário e esse autoritarismo se fazia sentir nas suas extremidades; se tal poder propagava-se capilarmente, através dos municípios, era até importante, eloqüente e elogioso para um administrador público ser reconhecido e alcunhado de “trator humano”, “tempestade”, “destruidor”, “furação” e, o mais expressivo dos epítetos dessa lista, “RAF” – numa referência a Real Força Aérea Britânica, que atacava e destruía cidades alemãs em combates durante a Segunda Grande Guerra, que se desenrolava por aqueles tempos sombrios.

Portanto, como disse, à época, um articulista: “não se pode falar de Campina Grande em tom de poesia. Quem contempla o seu ritmo de reforma, o seu desdobramento, tem que encarar tudo aquilo com todo o sentido da realidade e como resultante de um trabalho bem dirigido e melhor organizado”. Seria, no mínimo, sedu-

⁸ De acordo com dados do IBGE – Divisão da Paraíba, para o ano de 1940, a população da cidade de Campina Grande foi estimada em 38.427 habitantes residindo, de acordo com Epaminondas Câmara, em 8.838 casas; para 1950, 72.464 habitantes residindo em 15.525 “casas inclusive casebres”, conforme Lino Gomes Filho. Não dispomos da população campinense para o ano de 1930, mas Epaminondas Câmara nos informa que a cidade era constituída por 4.781 casas Câmara (1988) e Silva Filho (2005).

⁹ Vergniaud Wanderley administrou a cidade de Campina Grande em duas ocasiões: entre novembro de 1935 e dezembro de 1937, e de agosto de 1940 a março de 1945.

tor para o prefeito naquele momento deixar que se lhe imaginassem como um administrador que estava “disputando o Prêmio Nobel em destruição para construir”. Isso porque um administrador operoso, “capaz de projetar e concluir notáveis obras de urbanismo”, seria aquele capaz de “bombardear” o que fosse considerado velho e que destoasse dos novos padrões de beleza e harmonia instituídos pelos novos tempos da modernização (A UNIÃO, 1943).

Assim, a poesia, associada ao sonho, ao etéreo, ao romantismo e ao transcendente, não poderia mesmo significar uma cidade que estava sendo transformada pela realidade da violência e do bombardeio de um prefeito encantado e decidido pela reformulação – a qualquer custo – da fisionomia urbana que administrava, pois acreditamos que Wanderley estava convencido que, ao modernizar o espaço físico de Campina Grande, destruindo-a e reconstruindo-a, colocava na ordem do dia, da maneira mais concreta e visível possível, a sua crença em um determinado pensamento e sentimento sobre modernização.

O fotógrafo que produziu a fotografia nº 2, representando a Avenida Floriano Peixoto, pelos idos de 1942, a nosso ver, pretendeu deixar uma imagem de uma cidade em pleno processo de ebulição, com ênfase na

movimentação humana daquela que estava se transformando na sua mais importante artéria. Provavelmente, a tomada foi realizada do alto da Igreja Matriz, situada nesta avenida, ponto do qual muitas das imagens panorâmicas de Campina Grande foram feitas.

Acreditamos que a fotografia tenha sido feita após a celebração da Missa, quando as pessoas deixavam a igreja e retornavam às suas casas, com os seus trajes dominigueiros, conforme nos é dado a ver nos homens, mulheres e crianças que parecem passear pela avenida larga, com canteiros bem delineados ornados com postes de iluminação à moda francesa, dividindo-a e dando-lhe uma impressão de grandeza. Afinal – gostavam de alardear os cronistas da época – com obras como essa, Vergniaud Wanderley, o Pereira Passos campinense, dotava a cidade de equipamentos que “não trariam pejo às capitais mais adiantadas”. Expressa-se, assim, o desejo por uma interação cosmopolita: era “adiantamento” e equiparação às grandes cidades do mundo que se desejava para Campina Grande, e os seus fotógrafos não poderiam deixar de se contaminarem por idéias como estas. A avenida parece avançar para o infinito e, nesse percurso, vai deixando pelo solo urbano muitos dos símbolos modernos, materialização dos ideais daqueles pregadores do progresso.

Para dar-lhe esse formato, Wanderley não se cons-



FOTO 2: Avenida Floriano Peixoto, por volta de 1942 (Acervo: Dr. Severino Bezerra de Carvalho).

trangeu em mandar demolir quase tudo o que estava encontrando pela frente. Ao fundo da imagem, onde vemos um pequeno aclave, houvera a continuação da Rua Venâncio Neiva (sentido direita-esquerda) que o prefeito, para prolongar a Avenida Floriano Peixoto, desapropriou e demoliu. Vemos, à direita da imagem, duas pequenas casas que compunham o antigo conjunto de construções, agora alinhados à nova avenida embora dela destoando. Uma grande cidade, tal qual se projetava Campina Grande, haveria que contar com uma grande avenida.

Não importava a sociabilidade daqueles antigos moradores, as relações de vizinhança não contavam; não interessava ao “operoso prefeito” quaisquer sofrimentos que, por desventura, tenham passado aqueles habitantes da Rua Venâncio Neiva, ao se verem, de uma hora para outra, sem as suas moradias.

Não foi à toa que, ao narrar as suas lembranças daqueles tempos difíceis, Vergniaud Wanderley afirmou que tudo acabava sempre bem quando o assunto dizia respeito às desapropriações de construções particulares e as suas respectivas indenizações pelo poder público campinense. O que importava era que, se Wanderley era comparado ao prefeito Pereira Passos pelos seus admiradores e, talvez, apaniguados, Campina Grande haveria de ter a sua Avenida Rio Branco (DINOÁ, 1993.).

Mas, isso não era tudo. Não eram apenas aquelas construções tidas como velhas e inestéticas que estavam desaparecendo. Com aqueles dois suntuosos edifícios que agora dominavam a paisagem urbana ali representada – o Grande Hotel e o Palácio da Prefeitura (ao fundo da imagem, à esquerda e à direita da avenida, respectivamente) – os velhos casarões ajardinados que pertenciam à elite proprietária da cidade, onde muitos habitavam, estavam fadados a ter destino semelhante, e esta fotografia nos oferece indícios disto: se olharmos com atenção vemos que, à direita, entre a quarta e a quinta edificações, há um vácuo que parece ser resultado de alguma demolição, indicada por uma espécie de monturo que, talvez, seja o resultado de escombros.

A simbólica dessas novas construções tem a ver também – assim parece-nos – com modificações que estavam se operando nas relações de poder. O Palácio da Prefeitura, construído a partir de orientação arquitetô-

nica moderna, assim como o Grande Hotel, parece desafiar os casarões dos velhos oligarcas, donos do poder até pouco mais de uma década. A sede da Prefeitura, significando o novo centro de um novo poder, edificação construída por um filho dessa elite, mas que abraçara os ideais modernizadores difundidos pela Revolução de 1930 e rompera com a orientação de seus pais, parece ser bem eloqüente nesse sentido.

São dois aspectos caros a esse momento histórico da experiência campinense: o espectro político e o espectro urbanístico. Ambos se cruzam e até se confundem; afinal, embelezar a cidade a partir de novos pressupostos urbanísticos e arquitetônicos era, por assim dizer, uma febre que tomava de assalto os administradores de então e, no caso de Campina Grande, os trabalhos realizados por Wanderley convergiam para as desapropriações, a retificação das ruas, pavimentação... Com a estruturação da Avenida Marechal Floriano Peixoto, com o edifício do “Grande Hotel” e o “Palácio da Prefeitura”, desejava-se encetar “uma das maiores transformações jamais empreendidas pela municipalidade campinense a constituir o primeiro passo que é dado, enfim, para adaptar a cidade ao plano de urbanização, há anos idealizado pelo urbanista Nestor Figueiredo” (A UNIÃO, 1941)¹⁰.

Aquele logradouro ampliava, assim, todas as suas possibilidades simbólicas que os novos signos urbanísticos fizeram emergir. Julgamos, pois, que estas fotografias podem nos ajudar a refletir sobre a projeção de grandeza de uma cidade naquilo que de fato foi, assim como no que se desejou que ela fosse, uma vez que, ampliado o espaço físico com o advento de signos do que se considerava modernização, ainda mais com as suas marcas mais visivelmente destacadas, ampliaram-se também os sentimentos e os desejos progressistas.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Paraíba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: Ó, Alarcon Agra do et al. *A Paraíba no império e na república: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003, p. 79-132.

¹⁰ De fato o urbanista Nestor de Figueiredo esteve em Campina Grande a fim de realizar estudos com o objetivo de colher subsídios definitivos para a elaboração de um plano de urbanismo para a cidade. O interessado arquiteto, para deleite dos seus interlocutores, elogiou o grau de desenvolvimento e “acelerado ritmo de progresso” que justificava a “necessidade urgente de completarmos quanto antes os estudos de remodelação e extensão da grande cidade nortista”. Elogiou as iniciativas modernizadoras do então prefeito Bento de Figueiredo e previu um futuro glorioso para Campina Grande. Com o seu plano de urbanização, assegurou o urbanista, deveria guiar o desenvolvimento do seu progresso, constituindo-se num modelo para as suas futuras realizações, determinando uma ordem de coisas tendentes a melhorar as condições atuais originadas na desordem em que a cidade se vem desenvolvendo e preparando uma expansão para a cidade futura dentro dos preceitos modernos do urbanismo. A entrevista a que nos referimos foi publicada no jornal *Voz da Borborema* em sua edição de 7 de maio de 1938, n. 31, p.1. A acreditarmos na matéria publicada no jornal *A União*, cujo trecho reproduzimos acima, o plano de urbanização do Dr. Nestor de Figueiredo provavelmente foi elaborado e enviado para ser realizado em Campina Grande. Todavia, não tivemos acesso a ele, não obstante termos procurado nas instituições municipais onde poderia estar arquivado.

- BOMPASTOR, Sylvia Couceiro. Faces da Cidade. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagens & ciências sociais*. João Pessoa: UFPB, 1998. p. 119-131.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas campinenses*. Campina Grande: Caravela, 1988.
- DIAS, Odete da Conceição. *O trabalhador no discurso fotográfico do jornal A Gazeta (1930-1945)*. Dissertação 1993. (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Campina Grande: [s.n.], 1993. p. 203-210. 2 v.
- FIGUEIREDO JR. Paulo Matias. *Fotografia em Campina Grande: os fotógrafos e suas produções imagéticas no processo de desenvolvimento do município (1910-1960)*. 2000. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2002.
- LIMA, Solange Ferraz. Espaços projetados: as representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.6, n. 01-02, jan./dez., 1993. p. 99-110.
- MODENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. *Projeto História*, São Paulo, EDUC, n. 18, maio, 1999. p. 107-113.
- REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Fundarpe, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missa: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA FILHO, Lino Gomes. *Síntese histórica de Campina Grande (1670-1963)*. Campina Grande: Grafset, 2005.
- TAVOLARO, Sérgio B. F. Existe uma modernidade brasileira?: reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, v. 20, n. 59. p. 5-22, out. 2005.
- A UNIÃO, João Pessoa, 16 de ago. 3 secção, ano 51, n. 186, p.1. 1943.
- A UNIÃO, João Pessoa, 21 de set. ano 49, n. 216, p. 6, 1941.

Recebido em setembro de 2007

Aprovado para publicação em dezembro de 2007
